

Análise semiótica de “O Conto dos Três Irmãos”, de J. K. Rowling¹

Maria Victória Ferreira SILVA²

Juliano José de ARAUJO³

Universidade Federal de Rondônia, Vilhena, RO

Resumo

Este paper apresenta uma análise semiótica de “O Conto dos Três Irmãos”, da escritora britânica J. K. Rowling, presente no livro “Os contos de Beedle, o Bardo”, publicado em 2008. Emprega-se como metodologia o percurso gerativo do sentido da semiótica francesa, conforme proposto por Algirdas Julien Greimas. O propósito do trabalho é compreender o que o texto diz e como se dá a construção de sentido do texto. Para isto serão aplicados os três níveis do percurso gerativo do sentido (nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo) no *corpus*.

Palavras-chave: Semiótica Francesa; Percurso Gerativo do Sentido; Greimas; J. K. Rowling; Conto.

Introdução

A teoria semiótica greimasiana ou francesa propõe um método, o percurso gerativo do sentido, pelo qual se é possível compreender o sentido do texto e como se dá a construção desse sentido. Como discorre Barros (2005, p. 11, grifos da autora): “A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar *o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz*”.

Ou seja, procura-se compreender o conteúdo do texto, seus valores, ideologias, a organização textual, os mecanismos de produção e recepção do texto, etc. O conceito de texto para a semiótica não se restringe ao texto escrito, como explica Barros (2005, p. 12):

[...] pode ser tanto um texto lingüístico, indiferentemente oral ou escrito — uma poesia, um romance, um editorial de jornal, uma oração, um discurso político, um sermão, uma aula, uma conversa de crianças — quanto um texto visual ou gestual — uma aquarela, uma gravura, uma dança — ou, mais freqüentemente, um texto sincrético de mais de uma expressão — uma história em quadrinhos, um filme, uma canção popular.

¹ Trabalho apresentado no II 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 24 a 26 de maio de 2017.

² Estudante do 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: mariavictoria_fs@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Comunicação Social/Jornalismo do Campus de Vilhena da Universidade Federal de Rondônia. E-mail: araujojuliano@gmail.com

Sendo assim, o presente trabalho busca analisar “O Conto dos Três Irmãos”, obra da escritora britânica J.K.Rowling, que integra o livro Os Contos de Beedle, o Bardo. O texto foi escolhido como objeto de estudo por ser uma das obras da escritora mundialmente conhecida. Além da série Harry Potter, com a qual a autora ganhou relevância no meio literário tendo inclusive os livros adaptados para o cinema, a escritora escreveu também livros que ajudaram a compor a história contada na série Harry Potter.

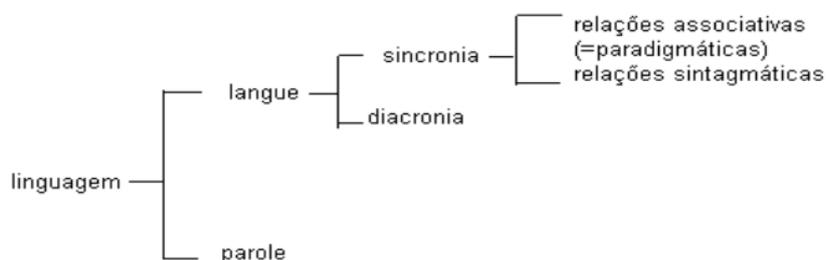
Entre os livros que foram escritos para expandir o universo bruxo criado por J. K. Rowling, Os Contos de Beedle, o Bardo, composto por cinco contos, aparece como um dos mais importantes uma vez que é mencionado em Harry Potter e as Relíquias da Morte, último livro da saga, e é fundamental para que o protagonista derrote seu inimigo, além de mostrar um lado ainda não conhecido pelos fãs da saga: os contos de fadas populares entre as crianças bruxas.

Para a análise do texto inicialmente serão apresentados de forma breve os conceitos teórico-metodológicos da semiótica francesa, notadamente os três níveis do percurso gerativo do sentido. Em seguida será apresentado o objeto de estudo do trabalho para que se dê início à análise do *corpus*. Por fim, será feita uma síntese das questões elencadas no estudo, nas considerações finais.

1. Percurso Gerativo do Sentido

Como destaca Diana Luz Pessoa de Barros, uma das grandes referências no campos dos estudos semióticos do Brasil: “A semiótica tem por objeto o texto, ou melhor, procura descrever e explicar *o que o texto diz e como faz para dizer o que diz.*” (BARROS, 2001, p. 7, grifos da autora).

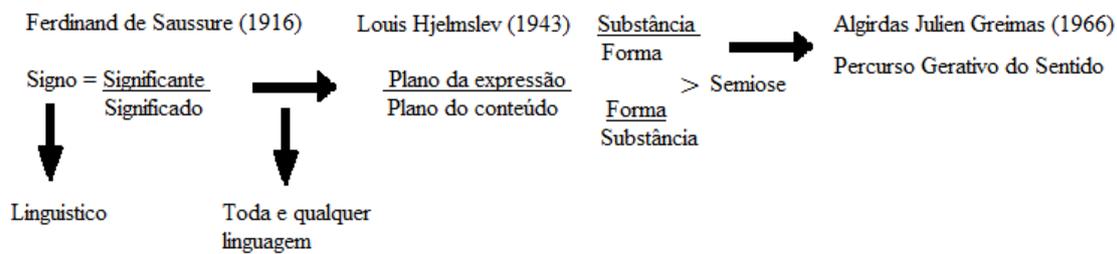
O percurso gerativo do sentido se constrói a partir de estudos anteriores dos linguistas Ferdinand Saussure e Louis Hjelmslev. A partir das postulações teóricas de Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista suíço, que propôs o fenômeno linguístico composto de duas partes ou faces, sintetizados em sua dicotomia básica *langue* x *parole*:



Esquema proposto por Saussure (CARVALHO, 2013, p.10)

Além da dicotomia langue/parole, têm-se ainda a dicotomia social/individual. Saussure afirma e adverte ao mesmo tempo: “a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (CARVALHO, 2013, p. 11). Além disso, Saussure propôs a famosa Teoria do Signo Lingüístico: Signo = Significante/ Significado.

A contribuição do dinamarquês Louis Hjelmslev também se mostra importante porque a partir dos seus estudos começa-se a estudar em separado o plano do conteúdo do plano da expressão. A partir desses estudos, Algirdas Julien Greimas desenvolveu princípios e métodos para compreender os sentidos dos textos, representado pelo percurso gerativo do sentido. O esquema a seguir resume esses desenvolvimentos teóricos:



A semiótica francesa ou greimasiana concebe o plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo. Nele são estabelecidas três etapas:

- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nela surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. (BARROS, 2001, p. 9)

No nível das estruturas fundamentais são estabelecidas as oposições semânticas elementares a partir das quais o sentido do texto é construído. Estas oposições são determinadas como positivas ou eufóricas e negativas ou disfóricas. Desta forma, é possível entender qual o conteúdo mínimo do objeto analisado.

No nível das estruturas narrativas, os elementos que constituem as oposições semânticas “são assumidos como valores por um sujeito e circulam entre sujeitos,

graças à ação também de sujeitos” (BARROS, 2001, p. 11). Ou seja, a ação do sujeito vai transformar estados eufóricos ou disfóricos.

O terceiro nível, das estruturas discursivas, examina as relações que são acionadas na enunciação, responsáveis pela produção e pela comunicação do discurso. Como explica Barros, neste nível, “as oposições fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolvem-se sob a forma de temas e, em muitos textos, concretizam-se por meio de figuras” (p. 11).

Tendo como base o percurso citado acima, será examinado o texto “O Conto dos Três Irmãos”, de J.K.Rowling (2008, p.85), para compreender o que o texto diz e como o faz.

2. O corpus

“O Conto dos Três Irmãos”

Era uma vez três irmãos que estavam viajando por uma estrada deserta e tortuosa ao anoitecer... Depois de algum tempo, os irmãos chegaram a um rio fundo demais para vadear e perigoso demais para atravessar a nado. Os irmãos, porém, eram versados em magia, então simplesmente agitaram as mãos e fizeram aparecer uma ponte sobre as águas traiçoeiras.

Já estavam na metade da travessia quando viram o caminho bloqueado por um vulto encapuzado. Era a Morte. Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era os viajantes se afogarem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua magia, e disse que cada um ganhara um prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar.

Então, o irmão mais velho, que era um homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte! Ela atravessou a ponte e se dirigiu a um vetusto sabugueiro na margem do rio, fabricou uma varinha de um galho da árvore e entregou-a ao irmão mais velho.

O segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levava. Então a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos.

Finalmente, a Morte perguntou ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. O mais moço era o mais humilde e também o mais sábio dos irmãos, e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade.

Então, a Morte se afastou para um lado e deixou os três irmãos continuarem viagem e foi o que eles fizeram, comentando, assombrados, a aventura que tinham vivido e admirando os presentes da Morte. No devido tempo, os irmãos se separaram, cada um tomou um destino diferente.

O primeiro irmão viajou uma semana ou mais e, ao chegar a uma aldeia distante, procurou um colega bruxo com quem tivera uma briga. Armado com a varinha de sabugueiro, a Varinha das Varinhas, ele não poderia deixar de vencer o duelo que se seguiu. Deixando o inimigo morto no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma

estalagem, onde se gabou, em altas vozes, da poderosa varinha que arrebatara da própria Morte, e de que a arma o tornava invencível.

Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorratamente do irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho. Assim, a Morte levou o primeiro irmão.

Entrementes, o segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinha. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e virou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera a esperança de desposa antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele.

Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era ali, e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão, enlouquecido pelo desesperado desejo, matou-se para poder verdadeiramente unir-se a ela. Assim, a Morte levou o segundo irmão.

Embora a Morte procurasse o terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida.

3. A análise

Na análise do texto será considerado cada nível separadamente para uma melhor compreensão dos sentidos possíveis de serem acionados.

3.1 Nível Fundamental ou das Estruturas Fundamentais

No nível das estruturas fundamentais surge a oposição semântica mínima. Em “O Conto dos Três Irmãos” a categoria semântica fundamental é: simplicidade vs. ambição.

Essa oposição manifesta-se de diversas formas no texto: “uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte!”, “pediu o poder de restituir a vida aos que ela levava”, “O mais moço era o mais humilde”, “Pediu, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela”, etc.

No conto, a simplicidade é eufórica e a ambição é disfórica. Ainda no nível das estruturas fundamentais estabelece-se um percurso entre as oposições. A negação da ambição, disfórica, permite ao irmão mais novo viver com simplicidade, eufórica, até alcançar uma idade avançada. Esquemáticamente, tem-se:



A não-ambição, a negação da ambição, aparece sobretudo em “Pedi, então, algo que lhe permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela”. Seguindo o percurso gerativo do sentido, “O Conto dos Três Irmãos” tem como conteúdo mínimo fundamental a negação da ambição ou do poder, mostrada como negativa, e a afirmação da simplicidade eufórica.

3.2 Nível Narrativo ou das Estruturas Narrativas

No segundo nível, das estruturas narrativas, as oposições semânticas são assumidas pelos sujeitos. Os sujeitos “irmãos” são manipulados pelo sujeito “Morte” por tentação⁴– “cada um ganhara um prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar”. Dois dos irmãos recebem os valores que os tentam, nos seus casos o desejo de possuir poderes extraordinários. O terceiro irmão “não confiou na Morte”. Nesse momento, surgem os valores da simplicidade (não obteve poder além do que já possuía), que fazem com que ele consiga se esconder da morte por muitos anos.

Para entender como se organiza a narrativa de um texto é preciso determinar seus participantes e o papel que representam na história. O enunciado elementar caracteriza-se pela relação entre o *sujeito* e o *objeto*, já os enunciados de fazer pressupõe a presença de um sujeito-destinador e de um sujeito-destinatário, sendo assim o enunciado elementar é englobado pelo enunciado de fazer. A relação define os actantes. As funções transitivas ou relações dividem-se em *junção* e *transformação*. São essas duas funções que distinguem os enunciados de estado e de transformação.

A junção determina o estado de um sujeito em relação a um objeto. Os objetos são determinados pelas aspirações do sujeito e tornam-se objeto-valor. É por meio do objeto que o sujeito tem acesso aos valores. No conto, o primeiro irmão quer a Varinha das Varinhas para se tornar um bruxo mais poderoso que qualquer outro; o segundo quer ser mais poderoso que a Morte; e o terceiro irmão deseja voltar para casa em segurança. Os objetos com os quais os sujeitos da história se relacionam fazem com que eles tenham acesso aos valores que desejam. Existem ainda dois modos de o sujeito se relacionar com os objetos: a *conjunção* e a *disjunção*.

⁴ Pode-se prever quatro classes de manipulação: **Provocação** - SABER (imagem negativa do destinatário) - ex: Duvido que você seja capaz de pular da ponte!; **Sedução** - SABER (imagem positiva do destinatário) - ex: Você é um menino tão bonito, não vai chorar a toa, não é? ; **Intimidação** - PODER (valores negativos) - ex: Beba tudo, senão vai apanhar!; **Tentação** - PODER (valores positivos) - ex: Se você for bem na prova, vou te levar ao cinema.

Nos enunciados de fazer acontece a passagem da conjunção para a disjunção e vice-versa. É a partir dessa passagem, do enunciado de estado para o enunciado de fazer, que ocorre também a passagem entre os dois tipos de junção. Por exemplo, quando o filho mais velho aceita a Varinha das Varinhas, sai de seu enunciado de estado e passa para o enunciado de fazer pois sua relação com o objeto e o mundo a sua volta é transformado.

O programa narrativo tem quatro fases: manipulação, competência, performance e sanção. Essas relações ocorrem entre os actantes destinador e destinatário, por exemplo: a Morte, enquanto sujeito-destinador, manipula os sujeitos-destinatários irmãos. Quando os três irmãos, sujeitos de estado (destinatários), recebem da Morte, sujeito do fazer (destinador), os valores modais do *querer* e do *saber-poder*, trata-se de um programa narrativo de competência. No programa de performance, os três irmãos, sujeitos do fazer, aceitam e usam seus poderes, para adquirir, enquanto sujeitos de estado, os valores a que aspiram.

A sequência desses programas narrativos formam o percurso narrativo. Os percursos de cada sujeito são diferentes. O irmão mais novo viveu mais que os outros dois, pois a sequência de seus programas narrativos foram diferentes. Enquanto os dois mais velhos sabiam e queriam usar seus poderes; o irmão mais novo sabia como usar mas não quis fazê-lo.

A semântica narrativa transforma os elementos semânticos em valores que se tornam parte dos objetos, objeto-valor, e que se relacionam com os sujeitos. Essas relações podem ser modificadas por determinações modais. A relação entre o “irmão mais velho” e o valor “Varinha” está determinada no texto como uma relação *desejável* – o irmão *quer* o valor “Varinha” – e *possível* – o homem *pode* ter a varinha.

Da mesma forma a relação do sujeito com seu fazer pode sofrer qualificações modais. Isto aconteceria se, por exemplo, o irmão mais velho tivesse em alguma parte da narrativa desejado obter outro valor. A modalização dos enunciados de estado é denominada *modalização do ser*, e a de enunciados de fazer, é chamada *modalização do fazer*. As modalidades são quatro: *querer*, *dever*, *poder* e *saber*.

3.3 Nível do Discurso ou das Estruturas Discursivas

O nível discursivo é o mais superficial do percurso gerativo sendo o que mais se aproxima da manifestação textual. O sujeito da enunciação escolhe quais serão os

personagens, tempo, espaço, figuras, entre outros, para contar a narrativa, transformando-a em discurso.

No nível das estruturas discursivas utilizam-se recursos discursivos variados. No texto está presente a debreagem enunciativa, dando um caráter mais objetivo ao conto, por ser narrado na 3ª pessoa do discurso. A utilização da 3ª pessoa do discurso faz que os irmãos possam ser quaisquer pessoas.

Como a maioria dos textos de seu gênero, o conto não apresenta características aprofundadas sobre os personagens. Com exceção da Morte, os actantes são indeterminados, não são nomeados e nenhum discurso direto lhes é atribuído. O tempo e o espaço da narrativa também são indeterminados.

O texto em terceira pessoa sugere que há um *observador*. Ao observador não cabe contar a história, mas sim determinar um ponto de vista sobre o discurso para o qual deve dirigir seu desenrolar.

Os discursos são todos narrados de forma indireta e em relação ao tempo da narrativa. Como em diversos contos de fadas, há o uso dos tempos verbais no passado. O espaço também mantém a ideia de generalização, um lugar qualquer:

“uma estrada deserta e tortuosa”
 “cada um tomou um destino diferente”
 “uma aldeia distante”
 “dirigiu-se a uma estalagem”
 “Viajou para a própria casa”

Ao começar o conto com “Era uma vez”, o narrador informa que a história pretende acionar o imaginário da fantasia. Firmando um acordo tácito com o leitor, que sabe, ao iniciar a leitura que encontrará uma história em que existem elementos ficcionais e fantásticos.

A ancoragem actancial, temporal e espacial e a delegação interna de voz são dois dos procedimentos da ilusão de referente ou de realidade. Esse efeito deve ser entendido também como o efeito contrário, de irrealidade ou de ficção, de ilusão de que tudo é imaginação ou mesmo de que não existe o real, a não ser como criação do discurso. Daí a fórmula *Era uma vez*, que prende a história no tempo imaginário da fantasia. (BARROS, 2001, p. 61)

Além disto, o narrador pode fazer uso de recursos que tornam implícito o conteúdo da história. São os pressupostos e os subentendidos. No conto, o narrador diz:

“Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua magia”, ao dizer isto se pressupõe que a Morte não daria os presentes a eles sem ter algo em mente. Fica subentendido que ela tramava algo ao oferecer os prêmios.

Como ressalta Barros (2001, p. 11): “Ainda no nível discursivo, as oposições fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolvem-se sob a forma de temas e, em muitos textos, concretizam-se por meio de figuras.”

Os valores assumidos pelos sujeitos da narrativa são visíveis no texto sob a forma de percursos temáticos. Na semântica do discurso estão a tematização, formulação dos valores de modo abstrato e organização desses valores em percursos; e a figuritivização, nela figuras do conteúdo são especificadas, por exemplo, um mês ou um ano, marcam um tempo mais delimitado que “certa vez”.

É a partir dos temas espalhados pelo texto que se dá a coerência textual. Ainda que “O Conto dos Três Irmãos” não traga nomes, datas, espaços, específicos, há temas que permeiam toda a história, sejam eles ambição vs. simplicidade, vida vs. morte, etc., que costuram o texto e permitem que ele seja coerente. No texto analisado algumas das leituras temáticas possíveis são:

- a) Tema do abuso do poder pelo homem e suas consequências;
- b) Tema da impossibilidade ou inevitabilidade da morte;
- c) Tema da possibilidade de escolher qual destino seguir.

Considerações Finais

Por fim, pode-se concluir que, entre as várias temáticas que se destacam no texto, a referência à impossibilidade de escapar da morte parece se sobressair na narrativa. Além disto, a ganância e a ambição dos irmãos mais velhos é mostrada no texto como disfórica e acaba por resultar aos dois sanções negativas, enquanto ao mais novo é dada a sanção positiva.

O emprego do percurso gerativo do sentido como método de análise permitiu uma leitura mais profunda do conto, observando cada uma das etapas que geram a significação do texto. A medida que a análise ia sendo feita novas questões começavam a aparecer, além de outras temáticas possíveis, por exemplo, as leituras temáticas do abuso do poder pelo homem e as consequências que essas escolhas podem ter, também constata-se a impossibilidade ou inevitabilidade de se fugir da morte, já que mesmo o irmão mais novo, que adotou os valores da simplicidade, acabou encontrando a morte

no final do conto, além da possibilidade de escolher qual destino seguir e como os percursos narrativos são influenciados pelos programas narrativos que cada sujeito escolhe.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2001.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 20ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GONÇALVES, Martha Augusta Corrêa e Castro. “Análise semiótica do conto ‘Uma vela para Dario’”. In: **Estudos Linguísticos XXIV**. São Paulo: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, 1995.

ROWLING, J.K. “O Conto dos Três Irmãos”. In: **Os Contos de Beedle, o Bardo**. São Paulo: Rocco, 2008.